

Métodos Qualitativos de Pesquisa em Educação no Brasil: origens e evolução

Marli André, PUC SP

marliandre@pucsp.br

Bernardete A. Gatti, FCC

gatti@fcc.org.br

Métodos Qualitativos de Pesquisa em Educação no Brasil: origens e evolução¹

Resumo

Esse texto busca mostrar a trajetória dos métodos qualitativos de pesquisa nas ciências humanas e sociais, focalizando em especial, suas origens no Brasil, com influência dos estudos de avaliação de currículo e das pesquisas de sala de aula. Situa o movimento de expansão desses métodos nos anos mil novecentos e oitenta e aponta suas várias ramificações trinta anos depois. Destaca algumas de suas importantes contribuições para a pesquisa em educação e os principais problemas que ainda precisam ser enfrentados.

Palavras-chave: pesquisa em educação, métodos qualitativos, metodologia

Abstract

Qualitative Methods in Educational Research in Brazil: roots and evolution

This paper tries to show the path followed by qualitative research methods in human and social sciences, with particular attention to its roots in Brazil, where they have been affected by curriculum evaluation and classroom research. It locates the movement of expansion of these methods in the years eighty of the twenty century and points out its various branches thirty years later. Highlights some of their important contributions to research in education and the main challenges that still need to be faced.

Keywords: educational research, qualitative methods, research methodology

Introdução

Como surgiram os métodos de pesquisa qualitativa em educação? Como e quando surgiram no Brasil? Como se deu o movimento de expansão? Que ramificações foram se tornando mais evidentes no país? Quais as principais contribuições desses métodos para a pesquisa em educação? E os problemas e desafios a serem enfrentados? Essas são algumas questões que pretendemos discutir no presente texto.

As origens dos métodos qualitativos de pesquisa remontam aos séculos 18 e 19, quando vários sociólogos, historiadores e cientistas sociais, insatisfeitos com o método de pesquisa das ciências físicas e naturais que servia de modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, buscam novas formas de investigação. Entre esses, Dilthey argumentava que na investigação histórica, o interesse maior estaria no entendimento do fato particular e para tanto haveria de se considerar o contexto em que esse fato ocorria e não a sua explicação causal. Daí propõe a hermenêutica, que se preocupa com a interpretação dos significados ou mensagens contidas num texto

¹ Uma versão desse texto foi apresentada no Simpósio Brasileiro- Alemão de Pesquisa Qualitativa e Interpretação de Dados, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, de 26 a 28 de março de 2008

(entendido em um sentido muito amplo). Weber também contribuiu de forma importante para a configuração da perspectiva qualitativa ao afirmar que o foco da investigação deve se centrar na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações. Ambos argumentam que para compreender esses significados é necessário colocá-los em um contexto.

As questões postas pelos pesquisadores ao pensar em estudos desta natureza, diziam respeito a se é possível conhecimento sobre o humano-social, o humano-educacional, sem um mergulho em interações situacionais onde sentidos são produzidos e procurados, e significados são construídos. Assume-se, nesta perspectiva, que destes sentidos e significados é que se alimenta nosso conhecer e são eles que traduzem as mudanças dinâmicas no campo social, no campo educacional, cuja compreensão é que pode trazer uma aproximação do real mais condizente com as formas humanas de representar, pensar, agir, situar-se, etc.

Essas idéias se desenvolvem em meio a um debate de crítica à concepção positivista de ciência e à proposição de uma perspectiva de conhecimento que se tornou conhecida como idealista-subjetivista, que contrariamente à posição que separa sujeito e objeto, valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo sujeito. Busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador.

È com base nesses pressupostos que se configura a nova abordagem de pesquisa, chamada de qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de ciência, que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente. A abordagem qualitativa defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

Encontram-se, assim, nos fundamentos da abordagem qualitativa os princípios da fenomenologia, que se desdobra em várias correntes: o interacionismo simbólico, a etnometodologia, os estudos culturais e a etnografia. Em todas essas correntes é dada especial atenção ao mundo do sujeito e aos significados por ele atribuídos às suas experiências cotidianas, às interações sociais que possibilitam compreender e interpretar a realidade, aos conhecimentos tácitos e às práticas cotidianas que forjam as condutas dos atores sociais.

Embora esses princípios já fizessem parte dos debates no século 19 foi só em meados dos anos 1960 que ganham destaque na área de educação. Pode-se perguntar a razão dessa demora e por que esse foi um momento propício. A longa demora deve-se, em parte ao fato de que os estudos de educação eram fortemente apoiados na psicologia experimental, o que dificultava a aceitação da perspectiva fenomenológica e assemelhadas.

O clima favorável ocorreu porque os anos 1960 foram marcados por vários e fortes movimentos sociais, pelas lutas contra a discriminação racial, pela igualdade de direitos. As abordagens qualitativas procuravam dar voz a todos os participantes, mesmo os que não detinham poder ou privilégio, o que combinava muito bem com as idéias democráticas e com as causas sociais dos anos 1960.

Essa foi também a década das rebeliões estudantis na França, com repercussões em vários países do mundo, o que trouxe muito interesse aos educadores para saber o que se passava no dia a dia das escolas e salas de aula. Daí o acolhimento dos estudos do tipo etnográfico.

Outro fato importante para a inserção dessa perspectiva na área de educação foi a “virada” da sociologia que vinha sendo dominada por mais de 20 anos pelas idéias do funcionalismo e nos anos 1960 retoma o interacionismo simbólico (Becker, H. et al., 1961). A educação que nesse momento se aproximava muito da sociologia é influenciada pelas novas idéias.

Se no final da década de 1960 esses estudos começam a aparecer, na década seguinte eles florescem em muitos países, mas é principalmente as obras publicadas por norte-americanos e ingleses (Bogdan e Taylor, 1975; Hamilton, D. et al., 1977; entre outros) que vão influenciar os primeiros estudos brasileiros.

Assim, as pesquisas chamadas de qualitativas, vieram a se constituir em uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais. Essa modalidade de pesquisa veio com a proposição de ruptura do círculo protetor que separa pesquisador de pesquisado, separação que era garantida por um método rígido e pela clara definição de um objeto, condição em que o pesquisador assume a posição de “cientista”, daquele que sabe, e os pesquisados se tornam dados – pelos seus comportamentos, pelas suas respostas, falas, discursos, narrativas, etc, traduzidas em classificações rígidas ou números - numa posição de impessoalidade. Passa-se a advogar na nova perspectiva, a não neutralidade, a integração contextual e a compreensão de significados nas dinâmicas histórico-relacionais.

Origens dos métodos qualitativos no Brasil

A introdução dos métodos qualitativos em educação no Brasil teve muita influência dos estudos desenvolvidos na área de avaliação de programas e currículos, assim como das novas perspectivas para a investigação da escola e da sala de aula.

Na área de avaliação de currículos e programas pode-se citar uma importante publicação, o livro *Beyond the Numbers Game* (1977) editado por David Hamilton, David Jenckins, Cristine King, Barry MacDonald e Malcolm Parlett, que resultou de um seminário realizado em Cambridge (Reino Unido), em 1972, em que foram discutidos métodos não-convencionais de avaliação e foram feitas propostas para novos estudos na área. Um dos textos, que teve grande destaque nesse evento foi o apresentado por Parlett e Hamilton, em que os autores criticam o paradigma quantitativista, vigente nas pesquisas avaliativas e propõem a abordagem iluminativa, apoiada em fundamentos socioantropológicos. O texto defende a necessidade de se levar em conta as dimensões sociais, culturais, institucionais que cercam cada programa ou situação investigada. Argumenta que é necessário considerar o contexto particular em que se desenvolvem as práticas educacionais e que se contemple os diferentes pontos de vista dos diferentes grupos que se relacionam ao programa ou situação estudada. Ao final do seminário foi redigido um manifesto em que os participantes resumem suas recomendações em três pontos:

- Que sejam mais usados dados de observação, devidamente validados em substituição aos usuais dados de testes;

- Que haja flexibilidade no design da pesquisa para inclusão de eventos não previstos, ou seja, uso de focalização progressiva em lugar de delineamento pré estabelecido e fixo;
- Que os valores e pontos de vista do avaliador sejam revelados no relato da pesquisa.

Muito embora essas idéias fossem dirigidas aos especialistas da área de avaliação de programas e currículo, elas tiveram grande impacto na pesquisa educacional da Austrália, Suécia, Estados Unidos e Escócia, de onde provinham os participantes do evento, como também em outros países onde chegaram os resultados do seminário, entre os quais o Brasil. Um exemplo desse impacto é a publicação, no Brasil, em 1978, do artigo *A abordagem etnográfica: uma nova perspectiva na avaliação educacional*, (André, 1978) que discute duas novas propostas para a avaliação de programas: a iluminativa e a responsiva. O texto defende ainda o uso das abordagens qualitativas nos estudos em educação.

Outra fonte importante para introdução dos métodos qualitativos em educação foi o livro *Explorations in Classroom Observation*, organizado por Michel Stubbs e Sara Delamont (1976) que faz uma crítica muito incisiva aos estudos de sala de aula que se baseiam em análise de interação. No primeiro capítulo do livro, Delamont e Hamilton (1976) criticam os sistemas de observação que, nos moldes de Flanders, ignoram o contexto espacial e temporal de ocorrência dos eventos de sala de aula, focalizam estritamente o que pode ser mensurado e utilizam unidades de observação, derivadas de categorias pré-estabelecidas que, por sua vez, orientam a análise, criando uma certa circularidade na interpretação.

A alternativa apresentada pelos autores, para superar os problemas encontrados nos estudos de sala de aula é a abordagem antropológica. Segundo eles, os acontecimentos de sala de aula só podem ser entendidos no contexto em que ocorrem e são permeados por uma multiplicidade de significados que, por sua vez, fazem parte de um universo cultural que deve ser estudado pelo pesquisador. Propõem, para isso, a observação participante, que envolve registro de campo, entrevistas, análise documental, fotografia, gravações. Nessa abordagem, o observador não pretende comprovar teorias nem fazer “grandes” generalizações. Busca, antes, compreender a situação, descrevê-la em suas especificidades, revelar os múltiplos significados dos participantes, deixando que o leitor decida se as interpretações podem, ou não, ser generalizáveis com base em sua sustentação teórica e sua plausibilidade.

De maneira mais direta, houve uma contribuição de Sara Delamont à pesquisa educacional brasileira, pois, no final dos anos setenta, ela esteve no Brasil para uma série de seminários na Fundação Carlos Chagas, em São Paulo, ocasião em que defendeu o uso da abordagem antropológica na investigação das problemáticas escolares e ajudou a torná-la mais conhecida.

Um outro evento importante na disseminação da nova perspectiva de investigação foi o Seminário de Pesquisas em Educação da Região Sudeste, realizado em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, em 1980. Nesse evento houve uma mesa-redonda sobre o tema “A pesquisa qualitativa e o estudo da escola”, em que vários pesquisadores tiveram a oportunidade de discutir as possibilidades e limites no uso

dos métodos qualitativos para o estudo da escola. Os textos apresentados nessa mesa por André (1984), Campos (1984), Gonçalves (1984), Thiollent (1984) e os comentários de Joly Gouveia (1984) foram posteriormente publicados na revista *Cadernos de Pesquisa* (1984), favorecendo uma divulgação bastante ampla dessas idéias.

Ainda nesta fase de aproximação dos métodos qualitativos com a pesquisa em educação foi importante a visita, em 1983, de Robert Stake, pesquisador norte-americano e pioneiro das abordagens qualitativas em educação, em várias instituições brasileiras, como a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a Universidade Federal do Espírito Santo, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Fundação Carlos Chagas, em São Paulo, o que possibilitou uma ampla discussão do potencial das abordagens qualitativas em educação.

Mas não foram apenas influências inglesas, escocesas, australianas e norte-americanas que marcaram os primeiros passos da pesquisa qualitativa no Brasil. Em 1983, a pesquisadora mexicana Justa Ezpeleta esteve num seminário organizado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) cujo tema central era a pesquisa participante. Os textos desse seminário, que serviram de referência a muitos pesquisadores foram publicados no “*Em Aberto*” n.20 (1984), editado pelo INEP. Pouco tempo depois, Justa Ezpeleta publica, com Elsie Rockell, o livro *Pesquisa Participante*, lançado no Brasil em 1986, que teve muito aceitação entre os pesquisadores e muito contribuiu para a aproximação entre etnografia e educação. Foi também nesse momento que chegaram ao Brasil as obras de Bourdieu e Passeron, Lapassade, Lourau, Baudelot e Establet que serviram de fundamentação para muitas pesquisas e ampliaram o espectro dos estudos qualitativos.

A expansão dos métodos qualitativos de pesquisa

Assim, é nos anos mil novecentos e oitenta que emergem grupos fortes de pesquisadores que trabalham com essas metodologias em várias instituições pelo país. Muitos estudos são produzidos com o objetivo de compreender as relações intra-escolares e seus contextos, as questões institucionais, as situações de sala de aula e as representações dos atores escolares, com diferentes óticas. A maior parte surgiu em centros de pós-graduação em educação sob a forma de dissertações e teses. A tônica presente nesses estudos era de crítica às abordagens quantitativas e economicistas, implementadas de modo reducionista.

Com as críticas aos limites das investigações de caráter apenas numérico ou experimental, com a propagação do emprego das metodologias da pesquisa-ação e das teorias do conflito, ao lado de um descrédito de que soluções técnicas resolveriam problemas de base da educação brasileira, o perfil da pesquisa educacional se enriquece com novas perspectivas, abrindo espaço a abordagens alternativas, que passam a ser identificadas com os métodos qualitativos.

Cabe lembrar aqui que, todo esse processo da década de setenta e dos anos oitenta se faz num contexto político e social em que, num primeiro momento a sociedade é cerceada em sua liberdade de manifestação, na vigência da censura, em que se impõe uma política econômica de acúmulo de capital para uma elite, e em que as tecnologias de

diferentes naturezas passam a ser valorizadas com prioridade. Em um segundo momento, deparamo-nos com movimentos sociais diversos que começam a emergir, vêm num crescendo, criando espaços mais abertos para manifestações sócio-culturais e a crítica social, inaugurando-se um período de transição, de lutas sociais e políticas, que constróem a lenta volta à democracia. A pesquisa educacional, em boa parte, vai estar integrada a essa crítica social, associando a ela a crítica aos métodos clássicos, de investigação em educação no Brasil. Então, na década de oitenta encontramos nas produções institucionais, especialmente nas dissertações de mestrado e teses de doutorado - as quais passam a ser a grande fonte da produção da pesquisa educacional - a hegemonia do tratamento das questões educacionais com base em teorias de inspiração marxista, e/ou, de estudos chamados genericamente de qualitativos.

A dicotomia que se aprofundou entre método “quantitativo X qualitativo”, entre nós, é relevante de ser considerada. A expansão na pesquisa educacional da chamada abordagem qualitativa veio no bojo de uma busca de métodos alternativos aos modelos experimentais, às mensurações, aos estudos empiricistas numéricos, cujo poder explicativo sobre os fenômenos educacionais foi posto em questão, como se pôs em questão os conceitos de objetividade e neutralidade embutidos nesses modelos. Mas, a opção quase total no universo dos pesquisadores em educação pelas abordagens qualitativas não esteve isenta de uma perspectiva que identificou essas abordagens como sendo as revolucionárias, as únicas transformadoras, condenando ao exílio do conservadorismo os tratamentos quantitativos.

Embora estejamos vivendo um momento de superação dessa dicotomização em termos “do bem” e “do mal”, a produção da investigação em educação deixou de lado análises importantes sobre a demografia educacional e suas implicações, entre outras, retirando da formação dos educadores a habilidade em lidar com questões que demandam um trato quantitativo e a possibilidade da crítica qualificada em relação a esses tipos de estudos. Em que pese essa consideração que aqui fazemos, as contribuições advindas da utilização dos métodos qualitativos foram, e são, da maior relevância para a compreensão de inúmeras questões ligadas à educação.

Os Diferentes Caminhos dos Métodos Qualitativos

Se a adoção dos métodos qualitativos de pesquisa pelos educadores brasileiros foi, num primeiro momento marcada pela dicotomia qualitativo-quantitativo e por uma influência da fenomenologia e das teorias críticas, sua evolução vem se dando de forma bastante diversificada, seja em termos dos fundamentos, seja dos procedimentos.

Podemos situar em diferentes regiões do país, grupos de pesquisadores que desenvolvem estudos que podem ser enquadrados na grande família dos métodos qualitativos, mas que seguem direções muito variadas.

Um desses grupos é o que foi criado em torno do professor Joel Martins, na PUC SP, nos anos 1980 e foi inicialmente identificado com as correntes da fenomenologia. Esse grupo vem se diversificando bastante ao longo dos anos, em termos de participantes e de produção científica. Em anos mais recentes constituiu a Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos (SE&PQ), que realiza seminários periódicos, de âmbito nacional, reunindo um número bastante grande de participantes. A partir de 2005 a SE&PQ passa

a editar a **Revista Pesquisa Qualitativa**, que se define como “um espaço no qual são veiculados pesquisas e estudos que versam sobre investigação qualitativa”...”segundo perspectivas diversas dessa abordagem, envolvendo fenomenologia e dialética e suas diversas modalidades, como hermenêutica, estrutural, etnográfica, histórica, simbólica, crítica” (Linha editorial, 2005, p.5).

Outro grupo que vem crescendo e se firmando cada vez mais no cenário nacional é o que desenvolve pesquisas com apoio na perspectiva histórica. Dentro desse grupo podem ser encontradas várias vertentes, como por exemplo a dos estudos autobiográficos e histórias de vida, que vem se fortalecendo e já conta com evento científico próprio e de abrangência nacional. Podem também ser alocadas nesse grupo as pesquisas que utilizam a história oral e os aportes da sociologia. Há ainda neste grupo uma tendência que é caracterizada pelos estudos sobre a escola, as disciplinas e materiais escolares, associando a perspectiva histórica com os estudos culturais e as questões curriculares.

Com uma produção muito extensa nos anos 1990 e início dos anos 2000, os estudos centrados no cotidiano da escola ou da sala de aula também se diversificaram entre os que seguem uma linha mais próxima da etnografia com influência da antropologia e da sociologia e outros com um foco mais micro-social, voltados para as relações interpessoais ou para os conteúdos e estratégias de ensino. Nesse conjunto dos estudos que se caracterizam por trabalho de campo e uso de técnicas etnográficas como a observação participante, a entrevista intensiva e a análise documental, encontram-se também aqueles que se auto denominam “etnografia crítica” (Mattos, 1995) e etnopesquisa crítica (Macedo, 2006).

Há um grupo de estudos que reúne um número muito grande de produções, que é o centrado na perspectiva do sujeito, cujo objetivo é investigar opiniões, percepções, representações, emoções e sentimentos de professores, alunos, gestores escolares, pais de alunos sobre um tema ou questão. Aqui podem ser localizados os estudos na linha socio-histórica, que trabalham com as categorias sentido e significado, atividade e consciência, necessidades e motivos; estudos fundamentados na teoria das representações sociais; investigações sobre o processo de constituição da identidade do sujeito, com fundamento na psicologia social, na sociologia das profissões ou na psicanálise.

Outro conjunto de estudos bastante significativo em termos numéricos e em termos de variação nos princípios e procedimentos é o que se situa na vertente da pesquisa-ação. São os estudos que envolvem algum tipo de intervenção na realidade e que podem implicar um grau maior ou menor de participação dos sujeitos na pesquisa. Podem ter uma forte inclinação política, na linha da emancipação ou podem enfatizar mais os aspectos afetivos, sociais, sociopedagógicos. Incluem-se aqui as pesquisas cooperativas, colaborativas e crítico-colaborativas (Ibiapina, 2008; Fiorentini, 2004, Pimenta, 2005).

Podemos situar ainda entre os estudos qualitativos aqueles que se apoiam em escritos e autores qualificados como “pós-modernos”.

Por último, um grupo que pode ser considerado emergente nesse conjunto é o que estuda a introdução das novas tecnologias na escola e na sala de aula. Mais voltado para o uso de novas ferramentas no ensino, aproxima-se, em certa medida aos estudos

experimentais, embora se fundamente, ora na psicologia social, ora na filosofia ou na lingüística.

Contribuições à pesquisa em educação

O uso dos métodos qualitativos trouxe grande e variada contribuição ao avanço do conhecimento em educação, permitindo melhor compreender processos escolares, de aprendizagem, de relações, processos institucionais e culturais, de socialização e sociabilidade, o cotidiano escolar em suas múltiplas implicações, as formas de mudança e resiliência presentes nas ações educativas.

Todo esse conjunto de possibilidades para estudos de problemas em educação ampliou o universo epistemológico da discussão dos fatos educacionais, e permitiu, pelas novas posturas assumidas, um engajamento mais forte dos pesquisadores com as realidades investigadas, e levou ao reconhecimento da relação próxima entre pesquisadores e pesquisados, criando um compromisso maior com as necessidades e possibilidades de melhorias sócio-educacionais, por meio de intervenções diretas nas realidades pesquisadas ou pelo envolvimento nos debates e na formulação das políticas educativas.

Podemos destacar quatro pontos importantes desta contribuição:

1. a incorporação, entre os pesquisadores em educação, de posturas investigativas mais flexíveis e com maior adequação para estudos de processos micro-sócio-psicológicos e culturais, permitindo iluminar aspectos e processos que permaneciam ocultos pelos estudos quantitativos;
2. a constatação de que para compreender e interpretar grande parte das questões e problemas da área de educação é preciso recorrer a enfoques multi/inter/transdisciplinares e a tratamentos multi dimensionais.
3. a retomada do foco sobre os atores em educação, ou seja, os pesquisadores procuram retratar o ponto de vista dos sujeitos, os personagens envolvidos nos processos educativos;
4. a consciência de que a subjetividade intervém no processo de pesquisa e que é preciso tomar medidas para controlá-la.

Acrescente-se a esses, aspectos mais específicos, que também ganharam nova conotação com as abordagens qualitativas:

- a. a compreensão mais profunda dos processos de produção do fracasso escolar, um dos grandes problemas na educação brasileira, que passa a ser estudado sob diversos ângulos e com múltiplos enfoques;
- b. compreensão de questões educacionais vinculadas a preconceitos sociais e sócio-cognitivos de diversas naturezas;
- c. discussão sobre diversidade e equidade;
- d. destaque para a importância dos ambientes escolares e comunitários.

Problemas no uso dos métodos qualitativos

Estudos de vários autores (Ward,1990; Alves-Mazzotti, 2001, André, 2001; Gatti,2007) mostram que do ponto de vista metodológico, no entanto, encontram-se problemas de base na construção desses estudos e das pesquisas, que vêm perdurando no tempo.

Questão que não se acha ainda hoje suficientemente trabalhada pelos pesquisadores é a tendência à não discussão em profundidade das implicações do uso de certas formas de coleta de dados, como por exemplo narrativas, registros escritos e videografados, grupos de discussão e grupo focal que requerem tratamento adequado. Há ainda que se discutir melhor as várias modalidades de análise nas abordagens qualitativas, e a adequação de seus usos e de sua apropriação de forma consistente, além de sua relação com o enquadramento teórico pretendido.

Precisa-se considerar o alto grau de maturidade e refinamento subjetivo exigido pelas chamadas metodologias qualitativas (Ludke e André, 1986). No entanto, não é o que se observa em muitas situações, em que fica bastante evidente a falta de entendimento dos fundamentos e, conseqüentemente, dos requisitos teórico-metodológicos na condução de estudos dessa natureza. Isto, não só, como em geral se quer fazer crer, pelas condições adversas em que se realizam as pesquisas, mas porque a formação que vem sendo dada aos pesquisadores não é adequada nem suficiente.

As abordagens qualitativas trazem um grau de exigência grande para o trato com a realidade e a sua reconstrução, justamente por postularem o envolvimento do pesquisador (Brito e Leonardos, 2001). O que se encontra em muitos trabalhos são observações casuísticas, sem parâmetros teóricos ou sem inferências consistentes, a descrição do óbvio, a elaboração pobre de observações de campo conduzidas com precariedade, análises de conteúdo realizados sem metodologia clara, incapacidade de reconstrução do dado e de percepção crítica de vieses situacionais, desconhecimento no trato da história e de estórias, precariedade na documentação e na análise documental. Os problemas não são poucos, o que nos leva a pensar na precária formação que tivemos e temos, para uso criterioso dos métodos qualitativos.

Autores como Morse et al (2002) propugnam que a pesquisa sem rigor em seus processos não tem valor, não traduz eficazmente a realidade e acaba não tendo utilidade. Além disso, afetam as pesquisas qualitativas, em sua pertinência, a falta de sensibilidade do pesquisador desde a projeção da investigação, no trabalho de campo, nas formas de coleta de dados, e sobretudo nas análises, o que põe em risco a confiabilidade do estudo e dos seus achados. A sensibilidade envolve domínio do campo de estudo, portanto, conhecimentos, bem como capacidade de interpretação fundada e construção de argumentos que se sustentem no observado, nos dados obtidos. Portanto, uma capacidade de “leitura” dos achados de modo mais acurado, e de elaboração de sínteses significativas, por processos indutivos/dedutivos conseqüentes.

Guba e Lincoln (1994) advertem que, mesmo considerando os estudos de natureza qualitativa em outro quadro epistêmico, diferente das abordagens quantitativas tradicionais, esses estudos não se acham isentos de cuidados e critérios adequados que garantam também sua qualidade científica.

É preciso reconhecer que não temos nos omitido no enfrentamento desses problemas, mas que, por outro lado, há um bom número de trabalhos que não podem ser realmente considerados como fundados em cuidados metodológicos mais robustos, permitindo condições de generalidade e, simultaneamente, de singularidade, de capacidade de teorização, de crítica e de geração de uma problematização forte, transcendendo pelo método não só o senso comum, como as racionalizações primárias.

Concluindo

Destacando a relevante contribuição das abordagens qualitativas para a pesquisa e o conhecimento em educação no Brasil, ponderamos que vivenciamos um momento em que é necessário enfrentar a questão da significância e da consistência dessa modalidade investigativa.

Advogamos que, essas pesquisas precisam adensar sua capacidade explicativa, porque a identificação de padrões, dimensões e relações, ou mesmo a construção de modelos explicativos, além de não serem incompatíveis com o estudo dos fenômenos microssociais, constitui etapa essencial à construção/reconstrução de teorias e à aplicação a outros contextos, como expressa André (2001). E, ainda, segundo a autora, o grande desafio com que nos defrontamos hoje é conseguir aliar a riqueza proporcionada pelo estudo em profundidade de fatos e processos educacionais, contextualizados, à possibilidade de transferência de conhecimentos ou à geração de hipóteses para o estudo de outros contextos semelhantes.

A aplicabilidade dos conhecimentos na área da educação depende do desenvolvimento de compreensões apropriadas, o que depende das condições de rigor nos cuidados investigativos, o que não quer dizer seguimento de rígidos protocolos, mas, sim, de domínio flexível de métodos e instrumentais necessários à aproximação significativa do real. Não podemos abrir mão do compromisso com a produção de conhecimentos confiáveis, se queremos que tenham impacto sobre a situação educacional em nosso país, pois só assim estaremos contribuindo para tomadas de decisão mais eficazes, substituindo as improvisações e os modismos que têm guiado as ações em nossa área. Nesse sentido, a busca de relevância e do rigor nas pesquisas é também uma meta política.

Referências Bibliográficas

ALVES-MAZOTTI, A.J.. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa** N.113, 2001, p.39-50.

ANDRÉ, M.E.D.A. A abordagem etnográfica- uma nova perspectiva na avaliação educacional. **Tecnologia Educacional**, n.27, 1978, p.9-12.

ANDRÉ, M.E.D.A.. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC/ Autores Associados, n.113, 2001, p.51-64.

ANDRÉ, M.E.D.A. Estudo de caso: seu potencial em educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, FCC, n.49, 1984, p. 51-54.

BECKER, H. S. et al. **Boys in White: students culture in a medical school**. Chicago University Press, 1961.

BOGDAN, R. & TAYLOR, S.J. **Introduction to Qualitative Research Methods**. New York, Wiley, 1975.

BRITO, A.X., LEONARDOS, A.C. A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC/Autores Associados, n.113, 2001, p.7-38.

CAMPOS, M.M.M. Pesquisa participante: possibilidades para o estudo da escola. **Cadernos de Pesquisa**. FCC, São Paulo, n.49, 1984, p.63-66.

DELAMONT, S. & HAMILTON, D. Classroom research: a critique and a new approach. In M. STUBBS e S. DELAMONT (orgs.) **Explorations in classroom observation**. Londres, John Wiley, 1976.

EM ABERTO, n.20, MEC/INEP, 1984.

EZPELETA, J. & ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. São Paulo, Cortez, 1986.

FIorentini, D.P. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In BORBA, M. e ARAÚJO, J.L. **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004

GATTI, B.A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**, Brasília, Ed. LiberLivros, 2007.

GATTI, B.A. Implicações e Perspectivas da pesquisa educacional no país. **Cadernos de Pesquisa**, FCC/Autores Associados, São Paulo, n.113, 2001, p. 65-81.

GONÇALVES, O. Incorporação de práticas curriculares nas escolas. **Cadernos de Pesquisa**. FCC, São Paulo, 1984, n.49, p.56-62.

GUBA, E. e LINCOLN, Y. Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin e Y. Lincoln (eds.). **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 1994.

HAMILTON, D. et al. (orgs.) **Beyond the numbers game**. Londres, Macmillan, 1977.

JOLY GOUVEIA, A. Notas a respeito das diferentes propostas metodológicas apresentadas. **Cadernos de Pesquisa**. FCC, São Paulo, n.49, 1984, p.67-70.

IBIAPINA, I. L. M. **Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimento**. Brasília: Liberlivro, Série Pesquisa, v. 17, 2008.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MACEDO, R.S. **Etnopesquisa Crítica e Etnopesquisa-formação**. Brasília, Df Liberlivro, 2006.

MATTOS, C.L.G. Etnografia crítica de sala de aula. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, DF, v.76, n. 182-183, 1995, p.96-116.

MORSE, J.; BARRETT, M.; MAYAN, M.; OLSON, K.; SPIERS, J. (2002). Verification Strategies for Establishing Reliability and Validity in Qualitative Research. **International**

Journal of Qualitative Methods, 1(2), disponível em <http://www.ualberta.ca/~ijqm/english/engframeset.html> e consultado a 20/07/2006

PIMENTA, S.G. Pesquisa-ação Crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir da experiência com formação docente. **Educação e Pesquisa**, São paulo, v.33, n.03, p.521-539, set./dez 2005

REVISTA PESQUISA QUALITATIVA. publicação da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos, Editora UNESP, ano 1, v. 1, 2005, 175 pp.,

THIOLLENT, M.JM. Aspestos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. **Cadernos de Pesquisa**. FCC, São Paulo, n.49, 1984, p.45-50.

WARDE, M.. O papel da pesquisa na pós-graduação em educação, **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC/Cortez Ed., n.73, 1990, p. 67-75.